

MENEZES



JOSÉ É um dos mais sólidos e multifacetados músicos portugueses de jazz. Ao longo de uma carreira recheada, tem orientado os seus esforços em múltiplas direcções. Hoje, na pacatez de Torres Vedras, privilegia a vertente pedagógica, mas desdobra-se em vários projectos. Fomos saber mais sobre o que anda a fazer.

/ texto António Branco fotografia Olga Moreira /

«Ouvi jazz pela primeira vez em frente à televisão, a preto-e-branco, em meados dos anos 1960, teria eu 8 ou 9 anos, e foi um solo de Carlos Menezes, um guitarrista de topo na época», recorda o saxofonista José Menezes (n. 1957, Porto). «Tive a noção de que estava a inventar a música na hora. Depois vim a saber que aquilo era jazz.»

O seu primeiro contacto com um instrumento aconteceu alguns anos mais tarde, com a oferta de uma harmónica, «uma vulgar gaita-de-beiços». O interesse pela música esfriou, até que descobriu o velho piano de uma tia, «um Bechstein vertical com um som lindo, além de um cheiro que ainda hoje reconheceria em qualquer parte». Mais tarde, começou a juntar as notas no piano, «a descobrir relações entre os sons». O acto de soprar tinha, entretanto, «ficado gravado», e quando decidiu escolher um instrumento, a decisão recaiu sobre o saxofone.

Voltou a cruzar-se com o jazz em 1971, quando, em Dezembro desse ano, leu «a delirante descrição do concerto de Miles Davis escrita por Jorge Lima Barreto, em que este descrevia Jarrett movimentando-se ao piano “como uma cegonha em cópula”». «Achei aquilo do jazz muito estranho e misterioso e prometi a mim mesmo investigar.»

O músico lembra que a sua cidade natal era, naqueles tempos, «um deserto no que respeita ao jazz». «Não havia ninguém a quem perguntar fosse o que fosse sobre música e o Conservatório não era uma opção, já que de jazz nada ensinava. Como eu realmente não sabia tocar, pensava que tocava free jazz.» Do panorama jazzístico da Invicta de então cita os nomes de Rui Azul, José Nogueira e dos irmãos Barreiros, especialmente Mário, «ele próprio também no início da sua paixão pelo jazz e que sabia muito mais de música do que eu, além de já ter, nessa altura, muita experiência de palco devido ao grupo em que tocava». De resto – lembra – «a casa deles veio a ser o ponto de encontro de muitos músicos e aspirantes a músicos, dando, mais tarde, origem à Escola de Jazz do Porto». «Foi um período muito marcante.»

Quanto a referências, José Menezes salienta o papel que John Coltrane teve na sua maneira de encarar a música e o mundo: «Acho que a sua música e o seu exemplo moldaram, não só a minha maneira de tocar como a forma como vejo o mundo, musicalmente e não só», refere. Destaca ainda outro saxofonista na órbita de Coltrane, Pharoah Sanders, e ainda Elvin Jones, os Jazz Messengers «da altura do Shorter e de Freddie Hubbard», Dave Liebman e também músicos portugueses, os já citados Mário Barreiros e José Nogueira, e Rão Kyao.

Colocado perante o exercício de eleger os três ou quatro momentos que considera mais marcantes ao longo do seu percurso, Menezes começa por referir o primeiro concerto com uma orquestra sinfónica, na qual tocou obras de António Victorino d'Almeida: «Foi o que mais me custou fazer, até hoje.» Outros momentos importantes foram o concerto com o Decateto de Mário Laginha no Jazz em Agosto de 1987 – «Tenho a certeza de que o Mário e todos os músicos presentes ainda se lembram bem daquela noite» –, a gravação do CD da Big Band do Hot Clube, com Benny Golson, Curtis Fuller e Eddie Henderson, e a abertura da Escola de Jazz de Torres Vedras, cidade em que criou raízes por motivos familiares. «A “invenção” de uma escola de jazz num meio rural sem tradição nessa área foi o início de um percurso muito trabalhoso mas estimulante, um exercício de teimosia e persistência», salienta. Deste embrião de ideias nasceram ainda o festival TvedrasJazz, a Big Band do Oeste e o projecto pedagógico “O Jazz Vai à Escola”, que envolveu, até ao momento, cerca de 7300 alunos, do básico ao secundário.

José Menezes encara a actividade docente «como uma forma de mudar mentalidades e formas de pensar». Aos alunos, tenta passar a ideia de que, «como dizia Ellington, só há dois tipos de música – a boa e a má». Considera que para ensinar há que provocar: «Gosto de os estimular para que eles próprios aprendam a encontrar soluções para os problemas musicais. Pensar bem é fundamental.» Por seu turno, ensinar ajuda a aprender: «Este tipo de reflexão é-me muito útil, pois eu próprio sou um estudante – coisa que, estou certo, nunca deixarei de ser», sublinha.

A sua cidade natal é actualmente um foco de muitos e bons saxofonistas (Mário Santos, José Luís Rego, Rui Teixeira), mas rareiam em Lisboa novos valores nessa família de instrumentos. Será este um sinal dos tempos em matéria de descentralização do jazz em Portugal? «O aparecimento, no Porto, de bons saxofonistas [e de outros bons instrumentistas e improvisadores de forma geral], deve-se, em minha opinião, e em primeiro lugar, à existência de um ambiente que tem vindo a ser criado ao longo dos últimos 20 anos, que teve início ainda antes do aparecimento do curso de jazz da ESMAE», refere. Por outro lado, considera que existe «uma indústria musical desde sempre menos desenvolvida que a de Lisboa». «Os músicos do Porto, menos requisitados para “gigs”, estúdio e trabalho “comercial”, sempre se puderam concentrar mais no seu trabalho, de uma forma, digamos, mais “artesanal”, no melhor sentido da palavra», afirma.

Actualmente, as atenções musicais de José Menezes dividem-se pelo seu

quinteto – com música original –, pela direcção da Big Band do Oeste, pelo Lisbon Underground Music Ensemble, formação dirigida pelo compositor Marco Barroso, e pelo projecto Improvisible, que partilha com o baterista e percussionista José Salgueiro. «Este duo nasceu da minha vontade de “olhar o ritmo nos olhos”», diz. Na sua base está «uma componente visual baseada nas experiências cinematográficas do princípio do séc. XX, nas quais, por ausência de texto falado, o ritmo da imagem dominava o discurso visual». Além de tudo isto, nos próximos dois anos estará também ocupado com o mestrado em Psicologia da Improvisação, na Universidade de Sheffield, Inglaterra.

Apesar de gostar do trabalho de estúdio, e em especial «do rigor que implica», interessa perceber as razões que explicam a inexistência de trabalhos seus gravados enquanto líder. Lá vai apontando os motivos: «Algum desleixo, a quantidade enorme de projectos em que me envolvo» e também o facto de considerar ser «necessária maior estabilidade na formação com que trabalho e um maior investimento de tempo na composição».

Na sua opinião, existe, de facto, um “jazz português”: «Há um jazz que sinto como realmente português, apesar de não saber definir esse conceito muito claramente», refere. «Lembro-me de ter tido a noção de que havia um jazz nacional por volta de 1983, da primeira vez que ouvi “Alentejo, Alentejo”, de António Pinho Vargas.» Afirma que a mistura de culturas existente no nosso país «ressalta claramente em algum do bom jazz que se faz em Portugal e que, nos últimos 15 ou 20 anos, tem passado especialmente pelo piano».

Apesar dos avanços registados no panorama jazzístico luso nos últimos anos – «Está realmente a acontecer muita coisa» – deixa alguns alertas: «O jazz é utilizado por indivíduos, instituições ou produtos para chamarem a si um certo verniz cultural. Hoje em dia é “politicamente correcto” dizer que se gosta de jazz.» Sem papas na língua, diz que o jazz se tornou, em muitos casos, um «sinal exterior de cultura, pronto a ser usado sempre que dê jeito». //